

**“PROFESSOR APRENDE A SER PROFESSOR NA SALA DE AULA?”: uma  
análise do percurso dos alunos de Letras da FURB na relação teoria x prática**

**Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig**

[otilia@furb.br](mailto:otilia@furb.br)

**Henriette Luise Steuck**

[hetty@al.furb.br](mailto:hetty@al.furb.br)

Universidade Regional de Blumenau - FURB

**RESUMO.** Este artigo é um recorte e aproximação de três pesquisas de iniciação científica intituladas: “O ensino da língua materna sob o ponto de vista do professor formado pela FURB” (2004/2005), “O ensino da língua materna sob o ponto de vista do professor formado pela FURB: novos olhares” (2005/2006) e “Formação de professores em serviço: um olhar para o curso de Letras da FURB em sua atual grade curricular” (2006/2007). Um dos objetivos dessas três pesquisas era traçar um perfil dos egressos, formandos e acadêmicos do curso de Letras da FURB, bem como verificar como o ensino de língua materna vem sendo entendido no contexto escolar. Neste artigo, trazem-se os dados obtidos dos sujeitos das três pesquisas - (egressos de 1993 a 2003, formandos de 2005/I e 2006/II e acadêmicos da nova grade curricular de 2004/I, respectivamente) – que mostram a relação entre teoria e prática encontrada por esses sujeitos nos diferentes momentos dentro da universidade. A pesquisa foi feita através de entrevistas não-diretivas para os egressos e formandos de 2005/I/; já para os formandos de 2006/I e os acadêmicos da nova grade optou-se pela elaboração de memoriais do percurso na universidade. Os dados dos sujeitos apontam para mudanças dentro do curso de Letras. Mudanças essas ancoradas nos dizeres dos próprios sujeitos egressos e/ou formandos dessa relação teoria versus prática e confirmados pelos alunos da primeira turma da nova grade curricular.

**Palavras-chave:** Teoria. Estágio. Prática de Ensino.

**ABSTRACT.** This article is a clipping and sewing of three searches of scientific initiation headed: "The teaching of the mother tongue from the point of view of the teacher formed by FURB" (2004/2005), "The teaching of the mother tongue from the point of view of professor formed by FURB: new eyes "(2005/2006) and" Training of teachers in service: a look at the course of Letters of FURB in their current grade curriculum "(2006/2007). One of the objectives of these three searches were traces a profile of egresses, students that are about to graduate and scholars of the Letters course of FURB, and see how the teaching of mother tongue has been understood in the context school. This article will show the data obtained from subjects of the three-searches (egresses from 1993 to 2003, students about to graduate from 2005/Ie 2006/II and academics of the new teaching curriculum, 2004 / I, respectively), which shows the relationship between theory and practice found by these subjects in different times within the university. The collecting data happened through interviews not directives to the egresses and trainees, 2005/I. And for the trainees of 2006/I and the academics of the new grade it happened by the writing of memorials about the road lived at the university. The data points to changes in the Letters course. Changes such anchored in the words of the subjects egresses and/or trainees of this relationship theory X practice and confirmed by the students of the first class of the new teaching curriculum.

**Keywords:** Theory. Stage. Practice of Teaching.

***Primeiras palavras: um convite a ingressar na pesquisa***

Este artigo pretende fazer uma aproximação de dados obtidos em três pesquisas realizadas junto aos egressos e acadêmicos do curso de Letras da FURB Universidade Regional de Blumenau). Costurando-se os dados, buscou-se traçar um perfil do curso de Letras bem como buscar compreender as necessidades que a universidade ainda deve suprir a fim de aprimorar ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

Nessas três pesquisas, houve um ponto que chamou atenção e causou inquietação. Os sujeitos falam muito sobre a relação teoria e prática dentro da universidade. Como ela acontece e como deveria acontecer a fim de ampliar os conhecimentos que circulam na academia. E como se tem uma visão dos sujeitos de diferentes épocas vividas no curso de Letras é possível fazer um breve comparativo entre o modo como essa relação era e como é hoje; como ainda apontar algumas melhorias que ainda se fazem necessárias.

Existem diversas pesquisas que se preocuparam em analisar currículos, saberes e formação profissional como as de Reinaldo (2001), Hila (2004), Emiliano (2006), Benevides (2006), Dornelles (2007). No entanto, as pesquisas aqui apresentadas diferem de tantas outras, uma vez que deram voz aos egressos e acadêmicos do curso, pois o que se tem observado é que, a maioria das pesquisas envolvida nesse campo é documental. Contudo, as que são apresentadas nesse artigo deram voz aos sujeitos e analisaram seus discursos amparados pela teoria de Bakhtin.

A primeira pesquisa – “O ensino da língua materna sob o ponto de vista do professor formado pela FURB” (2004/2005) tinha como sujeitos os egressos do curso de 1994 a 2004. A segunda pesquisa – “O ensino da língua materna sob o ponto de vista do professor formado pela FURB – novos olhares” (2005/2006) possui os formandos de 2005/II e 2006/I como sujeitos. E a terceira pesquisa – “Formação de professores em serviço: um olhar para o curso de Letras da FURB em sua atual grade curricular” - teve como sujeitos os acadêmicos da sétima fase do curso de Letras, 2007/I, que eram também integrantes da primeira turma da nova grade curricular de 2004/I.

A coleta de dados foi através de entrevistas não-diretivas gravadas com os egressos e formandos de 2005/II. Essas entrevistas foram transcritas de acordo com Marcuschi (1986) e analisadas. Com os outros sujeitos a coleta se deu através de memoriais nos quais os acadêmicos relatavam as situações que vivenciaram enquanto estudantes do curso de Letras da FURB. Todos os dados foram analisados e compartilhados no grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos da Linguagem objetivando-se obter diferentes olhares sobre os mesmos dados.

Nas duas últimas pesquisas, optou-se por trabalhar com memoriais, pois esse tipo de construção deixa o sujeito mais livre para escolher, ele é capaz de selecionar aquilo que gostaria ou não de apresentar em seu memorial. Trata-se, assim, de um gênero que permite certa mobilidade e liberdade de escrever. Até mesmo em relação à maneira de escrever; alguns sujeitos optaram pelo uso da primeira pessoa e outros julgaram melhor o uso da terceira. Essa eleição pode influenciar em alguns sentidos observados durante a leitura atenciosa de cada texto.

A palavra “harmonia” contém a chave para compreender o propósito de um memorial como também o princípio ativo de sua estruturação como texto. Pois o que se espera do autor de um memorial é que ele confeccione um texto que seja fruto da tecelagem a partir dos inúmeros fios narrativos que compõem sua vida [...] recorre-se à imaginação para criar efeitos caleidoscópicos sobre vidas mais corriqueiras para que elas pareçam totalmente únicas e inusitadas, com cada detalhe cuidadosamente colocado em seu lugar, assegurando ao todo uma harmonia, um sentido, um propósito, como em um tapete persa (com direito a franjas). (RAJAGOPALAN, 2002, p. 342)

A partir desse excerto transcrito, observam-se alguns traços importantes da confecção de um memorial. Apesar de ser um gênero que permite ao autor fazer escolhas, estas devem ser pensadas cuidadosamente a fim de que, com o texto elaborado, se possa atingir os objetivos requisitados. No caso da pesquisa, o objetivo central dos sujeitos, era apenas o de relatar as vivências dentro da universidade no curso de Letras. No entanto, diferentes formas de redigir foram encontradas. Alguns iniciaram seus relatos a partir do momento que passaram no vestibular, outros iniciaram do momento no qual já se encontravam dentro da universidade. São opções feitas a partir de um mesmo comando.

Diz-se ainda que o memorial é um gênero semelhante à autobiografia. No entanto a diferença entre os dois está no fato de que, para o memorial, escolhe-se para relatar apenas um período de vida específico a fim de atingir um objetivo pré-determinado. Já na autobiografia é relatada toda a vida de uma pessoa. Nesse caso o período aqui selecionado pelos sujeitos foi aquele no qual estavam inseridos no curso de Letras da FURB.

Segundo Rajagopalan (2002, p. 348) “O autor do memorial acha que está empenhado em um exercício de autobiografia no qual é ele que decide o que entra e não entra. Ledo engano. Ao submeter-se à exigência da instituição ele se entrega, de corpo e alma, ao universo cartesiano e a suas leis de conduta.” Assim, compreende-se que apesar do autor de um memorial fazer escolhas e selecionar a maneira de relatar sua história, como existe um comando que deve ser seguido e um objetivo a ser alcançado, a redação será costurada de acordo com este comando a fim de alcançar satisfatoriamente os objetivos pré-estabelecidos.

O estudo foi guiado pela Teoria da Enunciação, envolvendo, além do sujeito, seus dizeres, sentidos e atravessamentos. Para este artigo, destacaram-se apenas os dizeres dos sujeitos que apontam como acontece a relação teoria *versus* prática vivenciada na universidade no curso de Letras, a fim de verificar como se deu essa relação anteriormente e como ela se dá agora, com a inserção da nova grade curricular. Observando os pontos que já mudaram, as alterações realizadas e aquilo que ainda poderia ser modificado, melhorado a fim de obter um processo de ensino-aprendizagem na graduação cada vez mais amplo e direcionado à sala de aula.

Como são sujeitos diferentes, é possível traçar um comparativo entre os diferentes enunciados, cada um pertencente a uma turma de acadêmicos atravessados por discursos de alguns professores diferentes, outros que foram os mesmos para todos esses sujeitos.

Os sujeitos serão identificados de acordo com o ano ao qual pertencem, havendo mais de um sujeito eles serão numerados, por exemplo, S19972 ou S200711. Lembrando que os egressos compreendem sujeitos de 1994 a 2004, em seguida tem-se os formandos de 2005/II e 2006/I e os acadêmicos da sétima fase de 2007/I. Esses anos servirão como identificação aos sujeitos o que facilitará a compreensão dos discursos elencados.

### ***Dizeres e sentidos: a aproximação entre dados e teoria***

Para compreender os aspectos levantados pelos sujeitos, é necessário, primeiramente, compreender em que condições de produção os discursos dos

sujeitos foram enunciados. Dessa forma, torna-se imprescindível que se entenda o que são essas condições de produção, que freqüentemente aparecem como CP. Brandão (2004, p. 89) atribui um conceito básico dizendo que estas “constituem a instância verbal de produção do discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente”.

Assim, as condições de produção de um discurso podem interferir em tudo o que é enunciado. Na primeira pesquisa, os sujeitos falaram de fora da universidade, já na posição de professores e não mais de acadêmicos. Não havendo mais o vínculo com a universidade, os sujeitos não se sentiam pressionados e não existia o risco de punição por parte daqueles que foram citados em seus discursos ou de passar por algum tipo de constrangimento. Outro fator importante era que a entrevistadora não era conhecida pelos sujeitos. Esses aspectos contribuíram para produção de enunciados mais espontâneos.

Na segunda pesquisa, as condições de produção já eram diferentes. Tratava-se de formandos, eles falaram de dentro da universidade em fase final de curso. Assim, os discursos por eles enunciados, nas entrevistas, eram mais controlados, pois existia medo da punição, o constrangimento de falar dos professores dos quais ainda dependiam para conseguir a nota final. Observou-se, então, que a construção de memoriais foi mais eficaz nesse sentido. Os formandos de 2006/I falaram também de dentro da universidade. No entanto, como produziram os memoriais para uma professora conhecida por eles, os dizeres foram mais livres e com menos cautela.

O mesmo se observou nos sujeitos da última pesquisa realizada. No momento em que foi realizada, essa turma estava no sétimo semestre do curso, os dizeres foram produzidos enquanto ainda estavam incluídos na vida acadêmica. Todavia, o meio pelo qual falaram – memorial – permitiu uma produção menos vigiada dos discursos.

Os últimos sujeitos ouvidos são os acadêmicos da primeira turma da grade curricular de 2004/I. A construção de diferentes grades curriculares será aqui o principal motivo do surgimento dos mais variados enunciados. Os três grupos de

sujeitos fizeram parte de diferentes momentos: de 1993 a 2004 o curso de Letras da FURB constitui-se de três diferentes grades curriculares.

A primeira delas é a de 1997 que trazia a Prática de Ensino (atual Estágio Curricular Supervisionado) apenas no último semestre do curso (oitavo) com um total de seis créditos. A grade de 2000 antecipava essa disciplina em um semestre, ela passou a acontecer a partir do sétimo semestre com quatro créditos e mais cinco no oitavo. O fato da Prática de Ensino ser oferecida somente no final do curso inquietou os sujeitos. Eles diziam que essa prática de sala de aula deveria acontecer mais cedo a fim de que se possa costurar a teoria estudada com a realidade de sala de aula. Quanto a isso, já citou Reinaldo (2004, p. 1) “[...] os docentes egressos dos cursos de Letras traduzem a mesma representação de distância entre formação inicial e experiência profissional”.

Dessa forma, os dizeres dos sujeitos egressos bem como os formandos que pertenciam também à grade de 2000, traduzem, em seus discursos, essa distância entre teoria e prática que encontraram dentro do curso. Apresentam-se, assim, alguns dos enunciados:

S19972 “A *Didática* podia ser dada de **outra forma**, a *Prática de Ensino* em Língua Portuguesa foi **abominável** [...]”

S1999 “[...] Mas eu era obrigado a estudar uma coisa quando eu imaginava que **deveria estar aprendendo como ensinar** aquilo e não deixar para aprender aquilo em **dois semestres no final do curso**”

S2005<sub>2</sub> “[...] a **teoria** que a gente estudou em sala de aula **não é** aquilo que a gente encontra na **realidade**”

S2005<sub>3</sub> “[...] **muito do que a gente viu em sala de aula é defasado** em relação à **realidade** que a gente presencia hoje em dia numa sala de aula, nós como professores e não como simples acadêmicos. O que a gente vê aqui é **muito**

*teórico e na hora de pegar essa teoria e colocar na prática, torna-se muito complicado; a ponte não ta, não ta muito boa entre ambas as partes”*

O que se analisa desses dizeres é justamente essa distância que os sujeitos enunciam existir entre toda a teoria passada na universidade e a prática que ocupa um lugar muito distante dessa teoria. O sujeito não encontra, na teoria aprendida, soluções para problemas encontrados em uma prática real. Eles apontam a necessidade de haver uma ponte entre teoria e prática sinalizando que essa teoria acaba por se perder no decorrer do curso e, quando chagam na fase final, não conseguem retomar tudo o que foi estudado.

No entanto a nova grade curricular de 2004/I causa uma ruptura nesse sentido. Essa grade antecipa ainda mais a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado (antiga Prática de Ensino). Essa disciplina inicia agora no quinto semestre do curso e faz parte da grade dos acadêmicos até o oitavo semestre, com quatro créditos financeiros. Assim, os acadêmicos de Letras possuem agora quatro semestres de Estágio.

Essa antecipação recupera um dos problemas enunciados pelos sujeitos do curso de Letras buscando uma possível solução para ele a fim de que a ponte entre teoria e prática acontece mais efetivamente. É ainda durante as discussões teóricas de sala de aula que o acadêmico é inserido na escola e sala de aulas reais, podendo vivenciar experiências que a teoria não pode oferecer.

Diante dessa nova realidade, alguns dizeres dos sujeitos sinalizam para esta nova prática. É possível observar o que mudou: o contato dos acadêmicos de Letras com o universo da sala de aula acontece mais cedo e isso propicia uma experimentação mais variada do que significa ser professor. Abaixo estão alguns desses dizeres:

**S2007<sub>1</sub>** *“Já o quinto semestre foi muito diferente, **começava o estágio, estávamos preocupadas**, mesmo que eram apenas observações foram muitas lembranças ao entrar na sala, **tudo isso foi muito bom.**”*

**S2007<sub>3</sub>** “O universo **do quinto semestre** era repleto de novas descobertas, sendo que quase todas muito prazerosas. Foi o **primeiro semestre de Estágio** em Língua Inglesa e Portuguesa [...] No início e acima de tudo **prevalecia o medo, mas depois veio a realidade cada vez mais real da docência** e sua felicidade, e a partir desse momento, assistindo as aulas e convivendo com o mundo dos professores, percebi e tive certeza que realmente seria essa a minha profissão.”

**S2007<sub>11</sub>** “As aulas simuladas na disciplina de Estágio de Língua Portuguesa também foram marcantes por revelarem as potencialidades da turma e contribuir para meu crescimento a partir das vivências compartilhadas.”

Entretanto, apesar de demonstrar uma maior segurança diante da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, existe ainda nesses sujeitos o mesmo medo encontrado nos sujeitos anteriores, o medo de desconhecer a sala de aula real. O que mostra a distância entre aquilo que se vê/ouve na universidade e se encontra na sala de aula real. Tardif (2002, p. 286) também fala sobre essa prática realizada dentro das instituições formadoras de professores. Ele diz que a para a aquisição de uma boa prática profissional, todo o processo de formação de professores deve estar relacionado com essa prática e com o campo de atuação dos futuros professores, a escola. Observa-se, então o que cita o autor:

A prática profissional não é vista, assim, como um simples campo de aplicação de teorias elaboradas fora dela, por exemplo, nos centros de pesquisas ou nos laboratórios. Ela torna-se um espaço original e relativamente autônomo de aprendizagem e de formação para os futuros práticos, bem como um espaço de produção de saberes e de práticas inovadoras pelos professores experientes. Esta concepção exige, portanto, que a formação profissional seja redirecionada para a prática e, por conseguinte, para a escola enquanto lugar de trabalho dos professores. Nessa perspectiva, os saberes

(conhecimentos, competências, habilidades, etc.) transmitidos pelas instituições de formação (universidades, escolas normais, centros profissionais, IUFM, etc.) devem ser concebidos e adquiridos em estreita relação com a prática profissional dos professores na escola.

A partir disso, compreende-se a necessidade que existe em redimensionar a formação profissional, ela deve ser guiada pela teoria, mas sempre ancorada na prática. Só assim seria possível levar para dentro da universidade as características que os futuros professores encontrarão nas escolas e salas de aula reais com alunos reais repletos de problemas e dúvidas reais. Isso porque a profissão de professor trabalha com seres humanos que possuem sentimentos que não podem ser solucionados apenas com a teoria. Ela é sim um embasamento importante para uma formação polifacética do profissional, no entanto ela deve ser resultante de experiências adquiridas na prática, deve vir dessa prática como também se direcionar a ela.

Um dos sujeitos sinaliza exatamente esse cuidado que se deve ter de passar a teoria necessária para a formação do professor, mas sempre a relacionando com a futura prática de docência:

**S1999** *“nada contra estudar regras (+) [...] nada contra (+) mas por que já na ter atrelado a isso algo que nos ajude a como você ensinaria isso de uma melhor forma, como utilizar esse conhecimento numa prática de sala de aula e não deixar isso para o final do curso”*

Atenta-se, assim, ao fato de que o sujeito reconhece a importância de estudar a teoria, porém afirma que essa mesma teoria deveria vir sempre casada com a prática de sala de aula, sendo este o campo de atuação do futuro professor. Os acadêmicos revelam a necessidade de compreender o futuro espaço de atuação, ancorados em uma teoria, porém com o olhar direcionado para a prática.

Mas existe ainda um outro aspecto que deve aqui ser mencionado. Monteiro (2001, p. 130) diz que os “saberes da experiência são constituídos na prática cotidiana da profissão, fundados no trabalho e no conhecimento do meio”. Com isso compreende-se o enunciado de um dos sujeitos que diz:

**S1999** “[...] *professor não aprende a ser professor na universidade, professor aprende a ser professor na sala de aula*”

Atenta-se ao fato de que embora haja a necessidade de redimensionar o ensino no sentido de trazer uma teoria mais voltada para a prática, existe também a necessidade do profissional em formação conhecer o contexto e adquirir experiências que não podem ser geradas apenas pela universidade. É importante considerar que os saberes da experiência não surgem aleatoriamente, são frutos da articulação, da reorganização de outros saberes. Tardif (2002, p. 18-19) aponta, em seus dizeres, para uma construção de saberes que vai muito além da universidade:

[...] os diversos saberes e o saber-fazer dos professores estão longe de serem produzidos por eles mesmos ou de se originarem do seu trabalho cotidiano [...] o saber profissional está, de certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, a instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades, etc.

Percebe-se, assim, que a universidade não é a única fonte de saberes para a construção da prática profissional dos docentes. Além dessa, existem ainda outros lugares que auxiliam o profissional a melhorar sua atuação. A formação do professor é iniciada ainda no berço de sua família, ampliando-se na escola e na universidade. Depreende-se, assim, que não é função da universidade fornecer uma receita de como saber-fazer, como enuncia os sujeitos:

**S2002** “[...] o que acaba acontecendo na Universidade é que se passa um conteúdo desnecessário, uma teoria desnecessária [...] que às vezes a gente não utiliza em prática e **a gente quer sair da Universidade com a prática e sabendo como fazer** [...]”

**S2005<sub>1</sub>** “**Ai como trabalhar** tal assunto (+) né (+) pega faz essa dinâmica e tal, acho que falta bastante idéias”

**S2005<sub>7</sub>** “**É, eu acho que a teoria ela foi muito bem dada durante todo o curso** em todas as disciplinas, com exceção das didáticas e prática de ensino (+) sabe (+) vamos generalizar porque as pessoas vêm trabalhar didática e prática [...] não conseguem botar na cabeça de nós que estamos nos formando **o que realmente temos que trabalhar como o aluno**”

Esses enunciados sinalizam, mais uma vez, o desejo existente de aproximar a teoria que se estuda com a prática que se vai vivenciar no cotidiano profissional. Mas, um outro ponto interessante é o fato de esses sujeitos apontarem para uma receita do saber-fazer. Eles compreendem que a universidade deve ensinar o conteúdo de sala de aula e passar a maneira de como trabalhar com os alunos.

Para ampliar a compreensão, retoma-se, então, Tardif (2002) que fala sobre a incompletude dos saberes. Ele divide os saberes em algumas categorias. Encontram-se, em suas delineações, cinco saberes docentes oriundos de diferentes fontes que se interligam uns aos outros de a fim de formar um profissional polifacético.

Inicia abordando os saberes da formação profissional, que são justamente aqueles transmitidos pelas instituições formadoras. Tardif (2002) apresenta-os como saberes científicos e eruditos, podendo, se transmitidos na prática, torná-la também científica e/ou tecnológica.

Outro saber encontrado é o disciplinar, sendo esse incorporado pela prática de saberes sociais selecionados pela instituição formadora. Os saberes disciplinares

são aqueles que surgem da tradição cultural de uma sociedade e de grupos sociais que a instituição formadora dispõe na forma de disciplinas.

O terceiro saber apontado é o curricular. Este deve se apropriado pelos professores como profissionais de uma instituição, pois advêm dos chamados programas escolares que apresentam objetivos e métodos que permeiam a prática profissional dos professores.

Além desses, encontram-se ainda os saberes experienciais que são desenvolvidos no exercício e na prática da profissão, baseados no trabalho diário e no conhecimento do meio, os professores incorporam habilidades do saber-fazer e do saber-ser.

Sendo assim, observando a incompletude dos saberes e compreendendo que o profissional não se forma completamente na universidade, pois existe a necessidade de ele ser atravessado por outros saberes além daqueles oferecidos na instituição, não é possível falar em uma receita de saber-fazer. Deve existir a preocupação de construir uma ponte entre saberes da instituição e os saberes da experiência na confluência dos diversos saberes citados por Tardif (2002).

É necessário que os professores se identifiquem como produtores do saber de acordo com o que enuncia o autor anterior (2002, p. 40) “a relação que os professores mantêm com os saberes é a de ‘transmissores’, e de ‘portadores’ ou de ‘objetos’ de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade de sua prática”.

Os acadêmicos da nova grade curricular do curso de Letras estão mais próximos da prática de sala de aula. Existe a possibilidade de traçar um paralelo entre a teoria estudada em sala de aula, na universidade e a prática que encontram observam e aplicam no cotidiano de uma escola.

O Projeto Político Pedagógico do curso de Letras foi modificado ancorado nessa nova proposta. Existem, agora, as disciplinas pertencentes ao Eixo Articulador das Licenciaturas que permitem aos acadêmicos de licenciaturas compartilharem experiências e contribuir para a interdisciplinaridade nas escolas. Quanto a essas

disciplinas, um sujeito propõe uma maneira de melhorar ainda mais esse contato entre acadêmicos de licenciaturas:

**S2007<sub>6</sub>** *“Acredito que as disciplinas do eixo articulador deveriam ser repensadas no que diz respeito à mistura de salas, acho que esta deveria ser feita separando-se quem leciona para as séries iniciais das que lecionarão para as séries finais do ensino fundamental, pois há, nesse sentido, muitos interesses afins”.*

Aspectos a serem melhorados ainda existem, no entanto, ouvindo-se os egressos e os formandos do curso foi possível repensar a grade curricular, o que proporcionou uma reconstrução da grade seguida de uma modificação de todo curso. Modificação esta possível de ser analisada nos enunciados trazidos aqui dos sujeitos de 2007/I, acadêmicos da primeira turma da nova grade curricular que são hoje (2007/II) formandos do curso.

Compreende-se, a partir dos dizeres dos sujeitos, a importância de casar a teoria e a prática, pois existe essa necessidade de conhecer cada vez mais a sala de aula real e distanciar-se de modelos ilusórios. Todavia, é necessário compreender que a universidade é apenas uma fonte de saberes, não é a única e nem mesmo a mais correta. A seleção de saberes e conhecimentos deve ser feita pelo próprio professor em sua prática atuante.

### ***Palavras para fechar o texto e abrir a reflexão***

A partir dos discursos dos sujeitos aqui analisados, é possível traçar algumas considerações sobre a relação existente entre a teoria e a prática construída na universidade e compreendida em diferentes momentos.

Observou-se que os sujeitos das antigas grades curriculares, vivenciando a prática apenas ao final do curso, traduzem discursos angustiantes, fazendo uso de expressões como “foi abominável”, “podia ser infinitamente melhor”. Isso sinaliza a

apreensão desses sujeitos, a necessidade de receber mais informações, de estar em contato mais cedo com a prática e conhecer melhor o universo da sala de aula.

Já os sujeitos da nova grade curricular revelam uma maior tranquilidade diante da prática de sala de aula. A angústia não está mais no fato de existir uma grande distância entre teoria e prática. Entende-se que essa ponte está mais bem formada e articulada também na relação entre professor e aluno que passa a ser entendido não mais apenas como acadêmico de Letras, mas também como futuro professor.

A partir dos dizeres dos sujeitos que vivenciaram diferentes situações na universidade, foi possível traçar um perfil do curso e observar uma pequena e lenta melhora no curso. Toda mudança exige um tempo de adaptação tanto por parte dos professores como por parte dos acadêmicos. Porém, acredita-se que muitos dos problemas apontados pelos egressos e formandos parecem ter sido solucionados de acordo com os enunciados dos sujeitos da nova grade curricular de 2004/I.

Compreende-se que nessa nova fase do curso de Letras a confluência dos diversos saberes apontados acontece com maior eficiência, uma vez que o acadêmico está inserido no seu futuro campo profissional entrando em contato com saberes que poderia somente encontrar nesse meio.

Torna-se necessário ainda dizer que uma pesquisa não termina com a coleta e análise dos dados. Para toda pesquisa sempre há muito a questionar, observar, analisar e construir novos conceitos e conhecimentos. O curso de Letras da FURB passa agora por um novo momento de mudança e adaptação a fim de solucionar diversos problemas apontados pelos acadêmicos que vivenciaram esse percurso.

Para compreender a construção de um processo, é imprescindível ouvir aqueles que estão inseridos nele. Há ainda mudanças a serem feitas, pontos a serem melhorados, mas muito daquilo que os egressos e formandos enunciaram já foi repensado a fim de aperfeiçoar os conhecimentos e as experiências compartilhadas durante o curso de Letras da FURB.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, A. S. A formação de professores do curso de Letras: aspectos para uma prática reflexiva. **Revista Letra Magna**, n. 5, p. 1-19, 2006.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. – 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

DORNELES, C. A gente não quer ser tradicional, mas...: conservadorismo e inovação

na formação de professores de português como língua materna. In: SIGNORINI, I.

(org.) **Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de**

**professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

EMILIANO S. R. **Construindo o perfil dos professorandos: quem o curso de letras está formando?** In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGEM E INTERAÇÃO, 1, Maringá, 2006. Anais. Maringá: UEM, 2006.

HILA, C. V. D. **Esquemas de ação e *habitus* dos professorandos de letras nos estágios supervisionados**. In: SEMANA DE LETRAS, 15, Maringá, 2004. Anais. Maringá: UEM, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 1.ed. São Paulo: Ática, 1986.

MONTEIRO, Ana M. F. C. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP. a.22, n. 74, abr, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.); BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Identidade**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

REINALDO, Maria Augusta. Teoria e prática na formação de professores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2, Fortaleza, 2001. Anais. Fortaleza: UFC, 2001. Disponível em: [http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais\\_con2int\\_mr39.pdf](http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_mr39.pdf). Acessado em: maio/2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. [tradução: Francisco Pereira]. - 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2002. 325 p.